

O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: para além de uma prática pedagógica mecânica ¹

Autor: Isabel Cristine Meireles Pereira

Graduanda do curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos - Língua Portuguesa

Universidade Federal do Maranhão – UFMA

belmeirelesflop@outlook.com

Orientador: Bergson Pereira Utta

Graduado em Pedagogia/Mestre em Educação pela UFMA

Universidade Federal do Maranhão

bergsonutta@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre o ensino de Língua Portuguesa e o uso de metodologias de ensino mais dinâmicas. Ouvimos com frequência alunos reclamando das aulas de LP, destacando-a como desinteressante e desmotivadora, ficando difícil entender e tratar a língua como um organismo vivo, necessário ao dia a dia dos alunos. As constatações aqui apresentadas, se deram pelo nosso olhar enquanto observadora dessa prática de ensino, como bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/UFMA) na cidade de São Bernardo-MA, em uma sala de aula com alunos do 9º ano. Nosso aporte teórico passou por pelos PCN de LP (2000) e autores como Antunes (2008), Faraco (1984) e Geraldi (1984, 1996). Concluímos que, cabe ao professor atenção, tanto ao conteúdo, quanto ao que ensina e como ensina aos alunos, buscando possibilidades de transformar o seu ofício em saber e arte, celebrando sempre a língua materna.

Palavras-chave: Língua Portuguesa. Ensino-aprendizagem. Metodologias.

INTRODUÇÃO

As aulas de Língua Portuguesa (LP) tem sido vista por alunos do ensino fundamental, como um momento enfadonho e desinteressante, digo isso, por indagá-los após estes momentos, também vivenciados por mim, como observadora dessa prática de ensino, enquanto bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/UFMA) na cidade de São Bernardo-MA. Vimos que, mesmo para o ensino de temas considerados fáceis de serem compreendidos por discentes, mostraram-se monótonos, distante de uma língua que sabemos, é criativa e fértil em suas possibilidades. Isso nos levou a seguinte indagação: Por que isso acontece? Porque o ensino de LP não se torna algo tão agradável quanto o é enquanto falado? Nas

¹ Este trabalho de pesquisa é fruto de inquietações enquanto graduanda de Linguagens e Códigos – Português, pelas observações feitas à aulas de Língua Portuguesa enquanto bolsista do PIBID.

experiências vivenciadas, identificamos que as estratégias para a realização deste ensino, muitas vezes, tornaram-nas desmotivadoras.

Dessa forma, esta pesquisa se justifica, pois o ensino de LP é muito importante na formação dos alunos, seja para o mundo acadêmico, seja para a vida, já que todos nós, de alguma forma, em todos os momentos, ou quase todos, vamos precisar da nossa língua materna para fins de comunicação e interação. Assim, vemos como necessária esta reflexão e análise do ensino desta língua para os brasileiros, já que o modo como ela vem sendo abordada na escola, tem estimulado pouco os alunos a se interessarem por ela, cabendo ao professor enquanto agente de transformação social, contextualizá-la, aproximando-a do cotidiano dos alunos, tornando-a mesmo interessante para ser aprendida.

Nossos objetivos nesta empreitada são: identificar algumas causas que tornam o ensino de LP desinteressante na sala de aula, e; verificar possibilidades metodológicas que impulsionem e vivifiquem o ensino desta disciplina na vida acadêmica e pessoal dos discentes. Por meio destes, somos direcionados a pensar e identificar caminhos metodológicos possíveis para diversas possibilidades de dinamizar o ensino de LP.

Na sequência, apresentamos a revisão de literatura que contribuiu com este trabalho, bem os resultados e discussões e a nossa conclusão.

2 RECORTES METODOLÓGICOS

2.1 Revisão de Literatura

A revisão de literatura desta pesquisa, trata-se de uma revisão do tipo narrativa, pois não utiliza critérios explícitos e sistemáticos para a busca e análise crítica da literatura. Assim, esta revisão tem como propósito (SANTOS-FILHO E GAMBOA, 1995) “a construção de uma contextualização para o problema e a análise das possibilidades presentes na literatura consultada para a concepção do referencial teórico da pesquisa”.

A revisão narrativa aqui proposta (ELIAS et al. 2012), visa estabelecer relações com produções anteriores, identificando temáticas recorrentes, apontando novas perspectivas, consolidando uma área de conhecimento e constituindo-se orientações de práticas pedagógicas para a definição dos parâmetros de formação de profissionais para atuarem na área (ROCHA, 1999).

Abaixo relacionamos variadas contribuições, tanto para pensar e construir esta pesquisa, quanto para sua consecução ocorrida no semestre letivo 2016.1, por experiências observadas ao longo deste período, enquanto bolsista do PIBID.

Começamos com as contribuições de Faraco (1984), que se foca em uma análise do ensino tradicional de Língua Portuguesa, apresentando-nos críticas ao ensino de língua materna, usando o termo “pragas” ao caracterizar os males desse ensino, destacando essa posição enunciativa apenas com relação ao ensino de língua portuguesa, demonstrando os resultados grandemente negativos deste, muito praticado nas escolas, apontando como saída, uma maior fundamentação nos conhecimentos vindos da ciência linguística, não vendo outra alternativa para solucionar este impasse.

Uma outra grande contribuição, vem de Geraldi (1984, 1996), que aponta um conjunto de deficiências, resultado do que ele chamou de “crise do sistema educacional brasileiro”, sendo, o baixo nível de desempenho linguístico, tanto oral, quanto escrito, evidenciando um fracasso da escola e do ensino de língua portuguesa, claramente percebido pela maneira como este vem sendo realizado em quase todas as salas de aula, destacando alguns determinantes externos que limitam ações para realização deste ensino da e na própria escola.

Por fim, mas não se esgotando tais reflexões, Gebara, Romualdo e Alkmin (1980), fazem questionamento importante de ser refletido: como a Linguística pode ajudar no ensino de língua materna? Daí continuam arrazoando que sua função pode ser basilar na formação acadêmica e intelectual do professor, já que o conhecimento de procedimentos de análise de fatos linguísticos, dos princípios gerais dessa ciência, poderá contribuir para o entendimento do fenômeno linguístico, reforçando ainda, quão importante é para o professor de língua, apropriar-se de conhecimentos científicos sobre o objeto de seu trabalho e a ciência linguística.

Sabemos que há muitos estudos, pesquisas e reflexões sobre o objeto aqui apresentado, no entanto, estes que aqui citamos, nos orientaram para pensar minimamente o ensino de língua portuguesa e discutir possibilidades metodológicas que tornem tal ensino estimulante e vivo para a formação do aluno que se encontra em nossas salas de aula, e que precisam apropriar-se deste conhecimento.

2.2 Resultados e Discussões

Esta é uma pesquisa bibliográfica e etnográfica, em uma perspectiva qualitativa, já que insere o observador em determinado contexto social, neste caso, a sala de aula. Ao vivenciar a realidade, buscamos refletir sobre o ensino de Língua Portuguesa, bem como, de algumas práticas pedagógicas.

Nosso campo de investigação para a percepção do ensino de LP, se deu em uma sala de aula com alunos do 9º ano da escola pública I. E. Cônego Nestor de Carvalho Cunha – São Bernardo – MA, também parceira no PIBID.

Primeiramente, queremos destacar quão importante deve ser a prática pedagógica docente, sendo esta uma peça chave para o desenvolvimento de um processo ensino-aprendizagem mais dinâmico, tudo isso por meio da ampliação da interação entre professor e aluno que deve sempre ocorrer, favorecendo seu interesse, sua participação e a busca de informações, incrementando a maneira como ele conhece os objetos entrelaçados como o ensino de LP.

Nossa observação da prática pedagógica do ensino de LP nesta escola, em alguns aspectos foi bem interessante, mas em outros, deixou muito a desejar. Acreditamos quão importante deve ser a utilização dos gêneros textuais, já que eles prendem a atenção dos alunos, bem como podem potencializar a crítica e trabalhar competências linguísticas de forma dinâmica e atrativa. No entanto, essa variedade é bastante simples nas observações feitas. Professores se prendem muito ao livro didático, deixando de ampliar essas possibilidades, e os textos, em sua maioria está fora do contexto de vida dos discentes.

Quanto a leitura na escola, vimos que esta geralmente é feita como uma atividade obrigatória e pouco atrativa. Até para aqueles que gostam, em alguns momentos que observamos, se mostraram desinteressantes. Acreditamos que a leitura deve ser prazerosa, possibilitando que o discente cresça.

Outra coisa que pouco constatamos, foram as práticas de Reflexão Linguística. Para os PCN (BRASIL, 2000) e Antunes (2008), essas práticas são basilares para que o aluno se desenvolva e expanda sua capacidade de produzir e interpretar textos. Para a promoção de uma prática assim, é mister que o educador planeje situações didáticas com textos reais, a fim de que os educandos reflitam sobre situações comunicativas naturais (sejam de produção ou de interpretação), para lhes oportunizar maior consciência e aprimoramento de sua própria produção linguística/discursiva.

Dessa forma, nossas observações não foram muito animadoras, apenas confirmando um desinteresse dos discentes nas aulas de LP e identificando que as metodologias, muita vezes repetitivas, produzem pouco entusiasmo e motivação na hora de aprender sua língua materna.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre muitos aspectos que poderiam propiciar significativas mudanças no ensino de LP, seria a realização de aulas mais dinâmicas por professores melhor preparados, em constante formação, com maior participação discente. Torna-se necessário deixar de privilegiar um discurso silenciador do aluno, que também silencia suas opiniões, alguém que pode pensar por si, sabedor de sua língua materna, e capaz de constituir relações sociais através de seu discurso.

É necessário a promoção de uma consciência crítica da linguagem para que o aluno perceba o seu significado no jogo das relações sociais. Este precisa enxergar a língua materna como um instrumento para variadas finalidades, sem um fim em si mesma, para assim, poder ensinar e aprendê-la de maneira menos penosa.

A leitura precisa deixar de ser uma atividade mecânica, sem profundidade para a significação do texto, muitas vezes sem sentido, nem mesmo levando-a em conta como uma prática social. No ensino da língua, professores e alunos devem perceber que ler um texto significa assumir uma posição diante do que se lê, e o discente deve ser encorajado a ler o mundo, o que está a sua volta, entendendo-o e expressando o que sente. Nesta empreitada, o docente pode e deve fazer com que o aluno cresça em sua linguagem, aumentando seu vocabulário e tomando consciência das potencialidades da língua.

Quando os professores, por meio de sua prática pedagógica no ensino de LP, propiciarem maior necessidade em buscar caminhos que levem os alunos a estudar a língua como organismo vivo, de maneira plena, manipulando-a de forma natural como usuários que todos somos, ele poderá alcançar resultados mais significativos com seus alunos e tornar suas aulas, momentos prazerosos, interativos e dinâmicos.

Finalizando, o professor que reflete sobre estas questões e ações, poderá construir conhecimento em consonância com seu trabalho, fortalecendo importante elo entre aprender e prazer.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola, 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 2000.

FARACO, C. A. **As sete pragas do ensino de Português**. In: GERALDI, J.W. (org.) O texto na sala de aula. Leitura & Produção. 2.ed. Cascavel, ASSOESTE, 1984.

GERALDI, J. W. **Concepções de linguagem e ensino de Português**. In: GERALDI, J.W. (org.) O texto na sala de aula. Leitura & Produção. 2. ed. Cascavel, ASSOESTE, 1984.

GERALDI, J.W., SILVA, L.L.M. & FIAD, R. S. **Linguística, ensino de língua materna e formação de professores**. D.E.L.T.A, Vol. 12, N. 2, p. 307-326, 1996.

SANTOS FILHO, José Camilo dos; GAMBOA, Silvio S. (Org.) **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade**. São Paulo: Cortez, 1995.